



ESPAÇO DE CONFLITO: ESCOLA E RISCO OCUPACIONAL

Sandra de Fátima Petri Meloti¹

RESUMO

A escola é uma das instituições mais afetadas em cenários de conflito, porque não só seu dia é alterado, mas seu funcionamento depende em grande medida do que está passando com a sociedade e a forma como os atores em conflito respeitam os direitos dos demais. Diante desse cenário, este estudo busca caracterizar a escola como um espaço de conflito, destacando os riscos ocupacionais para os membros da comunidade escolar. Assim, é de extrema importância que os ambientes escolares comecem a construir uma reflexão sobre os efeitos que os conflitos trazem para as escolas brasileiras.

Palavras-chave: Conflito; Riscos Ocupacionais; Comunidade Escolar.

RESUMEN

La escuela es una de las instituciones más afectadas en escenarios de conflicto, porque no solo cambia su día, sino que su funcionamiento depende en gran medida de lo que está sucediendo con la sociedad y de cómo los actores en conflicto respetan los derechos del otro. Ante este escenario, este estudio busca caracterizar a la escuela como un espacio de conflicto, destacando los riesgos laborales para los miembros de la comunidad escolar. Por lo tanto, es extremadamente importante que los ambientes escolares comiencen a construir una reflexión sobre los efectos que los conflictos traen a las escuelas brasileñas.

Palabras clave: Conflicto; Riesgos Laborales; Comunidad Escolar.

ABSTRACT

The school is one of the most affected institutions in conflict scenarios, because not only is its day changed, but its functioning depends to a large extent on what is going on with society and how actors in conflict respect the rights of the other. In view of this scenario, this study seeks to characterize the school as a space of conflict, highlighting occupational risks for members of the school community. Thus, it is extremely important that school environments begin to build a reflection on the effects that conflicts bring to Brazilian schools.

Keywords: Conflict; Occupational Risks; School Community.

¹ Graduada em Pedagogia pela Unisulbahia, ano 2004; Pós-graduada em Especialização em Educação Infantil, pela Faculdade Batista Brasileira, ano 2010, Pós graduada em Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica, ano 2011.
E-mail: petrisandra@hotmail.com



INTRODUÇÃO

O docente como qualquer outro trabalhador está exposto a riscos provenientes de sua profissão e atuação, que podem conduzi-lo a uma doença, afastamento temporário ou definitivo ou até algo mais grave, porém não há especificidades sobre os mesmos, como acontece nas demais empresas.

Para Servilha, Leal e Hidaka (2010, p.506), o risco ocupacional relativo aos docentes está ligado a prédios não destinados a escola e por isso não possuem salas adequadas e outros problemas referentes à edificação. Ressaltam ainda que o risco ocupacional provenientes desta profissão, apesar destes serem trabalhadores como os demais, não possuem um programa de prevenção específica a sua classe e atuação, como ocorre em outras áreas e em outros seguimentos empresariais. Abordam ainda que devido ao grande número de alunos por sala e o pequeno espaço desta, deixa os docentes sucessíveis a dores nas pernas e problemas de coluna, bem como as dores nos braços provenientes da ação repetitiva do uso da lousa.

Portanto, apesar de todos esses problemas citados causarem riscos na docência, a incidência maior destes riscos estão relacionados ao desgaste emocional enfrentado por esse profissional, pois ele está ligado diretamente à história de vida de cada aluno. Diante disso, este estudo bibliográfico busca caracterizar a escola como um espaço de conflito, destacando os riscos ocupacionais para os membros da comunidade escolar

RISCO OCUPACIONAL

Segundo dicionário Aurélio (2001) risco significa “Perigo ou possibilidade de perigo”. A palavra risco está ligada a muitas áreas e possui múltiplos significados, como na economia, na matemática, na engenharia e outras.

Todo indivíduo está sucessível a essas condições de riscos em seu dia a dia e, em seu ambiente de trabalho, pois toda e qualquer circunstância que cause dano à saúde é uma situação de risco, as quais podem ser analisadas sob diferentes e diversos aspectos:



A análise de riscos não substitui as exigências legais que obrigam as empresas a adotarem mecanismos de proteção à saúde dos trabalhadores. A análise de riscos nos locais de trabalho deve se pautar também nas normas e leis existentes, ao mesmo tempo em que devem superá-las, pois nem todas as realidades específicas de cada setor, região ou empresa, e nem as estratégias de eliminação e controle dos riscos em mundo dinâmico podem ser cobertos integralmente pela legislação. Tal argumento, contudo, não deve servir de apoio ao discurso neoliberal que prega a redução do poder do estado e um aumento da autorregulação pelas empresas, principalmente num país latino-americano marcado por injustiças sociais onde o estado ainda está longe de cumprir o seu papel de defesa constitucional dos trabalhadores e do meio ambiente (PORTO, 2000, p.06).

Portanto uma situação de risco está ligada a vários fatores, não é único e exclusivo ao ambiente de trabalho, mas uma boa parte deriva deste, associado à nossa sociedade atual, a qual muitas vezes nos dita normas e padrões de tudo que nos cerca, nos levando a uma variedade de situações de risco as quais, se classificam em: físicos, químicos, biológicos, mecânicos e de acidentes, ergonômicos e psicossociais. Mas vamos nos ater aqui aos últimos riscos ocupacionais provenientes do trabalho, da atuação profissional de cada ser humano, mais precisamente sobre a relação da docência e situações de riscos ocupacionais presentes nesta, como por exemplo, aspectos do ambiente: ventilação inadequada, ruídos com altos níveis, exposição a produtos químicos irritantes, poeira, fumaça, stress, falta de autonomia, má remuneração, trabalhar sob grande pressão, dentre outros, como aborda Andrade e Cardoso (2012), os riscos que interferem na qualidade de vida dos docentes e afetam a saúde dos mesmos estão em seu ambiente de trabalho e nos fatores psicossociais e acrescenta:

A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que o estresse é uma epidemia global, em que o homem contemporâneo vivencia enormes exigências de atualização e é chamado constantemente a lidar com novas informações. O ser humano cada vez mais se vê diante de responsabilidades, obrigações, autocritica, dificuldades fisiológicas e psicológicas (Selye, 1965), além de inúmeras situações às quais precisa adaptar-se, como por exemplo, diante de demandas e pressões externas vindas da família, do meio social, do trabalho/escola e/ou do ambiente. [...] Os trabalhadores estão sujeitos a condições de trabalho que podem gerar sofrimento, tensão emocional, insatisfação, irritação, insônia, envelhecimento prematuro, aumento do adoecimento e morte por doenças cardiovasculares e outras doenças crônico-degenerativas como as osteomusculares (ANDRADE, CARDOSO, 2012, p.130).

Essas doenças com certeza já existiam anteriormente, porém não eram vinculadas ao trabalho, e não ocorriam em grandes quantidades como ocorre



atualmente. Na proporção que estas começaram a expandir e ter um diagnóstico reconhecido pela Previdência Social tomaram forças e reconhecimento de inúmeros casos anteriormente anônimos, como reforça Porto (2000), explicitando que muitas vezes as empresas brasileiras negligenciam esses riscos ocupacionais e estes acabam por acontecer, para depois se tomar uma providência, acusando os trabalhadores pelo acontecido, investindo pouco em prevenção a esses riscos ocupacionais, provenientes segundo autor de uma grande ausência de participação dos trabalhadores em seus locais de trabalho, e de baixa ocorrência legal e econômica para a empresa. Isso também se deve a impunidade dos responsáveis pelos acidentes e doenças ocorridas nas empresas e ao baixo salário pago pela Previdência Social após do décimo quinto dia de afastamento do trabalhador pela empresa.

Nem todas as definições de riscos ocupacionais e suas aplicações estão ligadas a todos os trabalhadores e seus interesses, uma boa parte destes estão direcionados aos profissionais de segurança e saúde:

Historicamente, o conceito de risco nos locais de trabalho foi inicialmente concebido como os riscos ocupacionais clássicos que geram consequências mais diretas e visíveis, gerando os acidentes de trabalho e as doenças diretamente relacionadas ao trabalho. Esta concepção foi influenciada por áreas como a engenharia de segurança, higiene do trabalho, medicina do trabalho, fisiologia do trabalho, toxicologia e epidemiologia. Estes riscos estão relacionados principalmente a certas características físicas, químicas, mecânicas, biológicas de máquinas, equipamentos, materiais, processos e ambientes com o potencial de prejudicar a saúde dos trabalhadores (PORTO, 2000, p.06).

Com a modernização e o avanço da tecnologia os trabalhadores começaram a reivindicar mais seus direitos e foram acrescentadas outras definições de riscos ocupacionais:

Os riscos não podem ser analisados de forma estática, pois as empresas, os ambientes e as organizações estão frequentemente mudando, e as análises de riscos precisam ser periodicamente revistas. Além da introdução de novas tecnologias, uma tecnologia, máquina ou equipamento pode, com o passar do tempo, se degradar em função da falta de manutenção ou uso de “gatilhos” ou “gambiaras” que comprometem a segurança. Também uma mudança na organização, como a terceirização ou redução de efetivos, pode introduzir trabalhadores diretos ou terceirizados em situações de risco graves (PORTO, 2000, p.14).



Os riscos ocupacionais estão presentes no trabalho diário de cada um, e eles podem ocorrer a longo, médio ou curto prazo, e muitas vezes não condizem com a realidade:

Os riscos não são apenas informações teóricas, dadas por especialistas e pelas gerências das empresas a partir de seus documentos e conhecimentos técnicos. Eles fazem parte do trabalho real vivido no dia a dia dos trabalhadores, e muitas vezes as análises de risco apresentadas por especialistas e pelas gerências das empresas aos fiscais ou auditores externos são muito diferentes das situações de risco reais vivenciadas pelos trabalhadores (PORTO, 2000, p.14).

Muitas vezes os riscos acabam por se concretizarem em acidentes, e em uma boa parte destes os responsáveis pela fiscalização desses acidentes ocorridos negligenciam dados e acabam punindo os funcionários com o afastamento ou demissão dos mesmos.

RISCO OCUPACIONAL NA DOCÊNCIA DO SÉCULO XXI

No início, a profissão docente era mais valorizada pela sociedade, e era uma profissão de respeito, mas na atualidade do século XXI os docentes passam por uma desvalorização da profissão, perdendo *status* social e não possuindo um reconhecimento financeiro de acordo com as atividades desempenhadas, passando por um grande desgaste emocional resultante dos riscos ocupacionais de sua relação com o trabalho e do ambiente em que atuam como esclarece Perrenoud (1999, p. 02) ao afirmar que a função da docência é ingrata, mas ao mesmo tempo nobre, pois possui uma face oculta, o que ele chama dos “dez não-ditos” da profissão docente, que são pontos que não aparecem, que são ignorados nas imagens públicas e internas desta profissão. E acrescenta dizendo que os “dez não-ditos” são denominados “a comédia da dominação e da racionalidade.” Esclarece ainda que não podem ser ditos publicamente porque existe de um lado uma pequena fração de pessoas que não possuem qualquer possibilidade de defesa e, que se apropriam de seu título e a confiança depositadas nelas. O não reconhecimento público dos “dez não-ditos” é o único meio de proteção dos riscos ocupacionais dos docentes e também uma maneira de cobrir o inaceitável.

Segundo Perrenoud (1999, p.03) os “dez não-ditos são: o medo; a sedução negada; o poder vergonhoso; a avaliação toda poderosa; o dilema da ordem; a



parte do fazer tudo; a solidão ambígua; o aborrecimento e a rotina; a inconfessável distância; a liberdade sem responsabilidade”, chamadas de comédia da dominação e da racionalidade.

Segundo o autor cada um dos “dez não-ditos” tem uma razão de ser ignorado, e originaram dos encontros de formação com os docentes onde esses falaram abertamente sobre seu cotidiano, o primeiro não-dito é o medo:

O medo. Medo, eu, você quer rir? Do que teria medo? Sim, nos bairros marginalizados, há o medo de encontrar seu automóvel com os pneus furados, de ser pessoalmente agredido. Existe o medo, eventualmente, de não levar vantagem em classe. Mas são, ainda, situações marginais, mesmo se elas ocorrerem em um número crescente de estabelecimentos atacados pela crise urbana. Essas condições extremas podem parecer estranhas à essência da profissão docente. Eu creio, ao contrário, que elas revelam uma das raízes da relação e das práticas pedagógicas. Ensinar é principalmente: pretender saber melhor que os alunos e melhor que as famílias - esta superioridade não existe sem falha, o que gera certas medidas repressivas antiquadas; fazer justiça; logo, ser contestável e contestada em nome da equidade; exercer um poder e instituir uma lei; logo, afrontar resistências abertas ou latentes que nem sempre temos certeza de resolver; sancionar certas condutas; logo, correr o risco de cometer pequenos ou grandes erros judiciais; trabalhar com pessoas complexas, mesmo sem dominar tudo o que lhes fazemos, e por vezes lamentar isso; voltar-se frequentemente a si mesmo, aos seus próprios limites, incertezas ou crises de identidade; ser exposto a cada dia ao olhar dos alunos e, através deles, aos dos familiares e, então, ser julgado sem milhares e, então, ser julgado sem poder sempre se explicar; ser, de vez em quando, desestabilizado por acontecimentos imprevisíveis e ser, de uma hora para outra, desnudado diante dos alunos ou de colegas; engajar-se, às vezes, a relações intersubjetivas de alto risco; ser julgado pelos colegas e pela hierarquia, frequentemente sem indulgência, sobre uma base de fatos muito fragmentários; viver dilemas, casos de consciência dos quais ninguém está certo de sair orgulhoso de si mesmo (PERRENOUD, 1999, p.03-04).

O autor aborda o medo como uma das angústias pela qual os docentes passam principalmente aqueles que atuam na periferia, e em escolas de má reputação, e acabam tendo um sentimento de insegurança urbana, esclarece ainda que não são todos acometidos desse medo de todos os dias estarem nas salas de aula, mas não se precisa de muito para que o medo reapareça de repente. Todos os medos e angústias enfrentada pela profissão docente quase não aparece, ou nem se fala.

Para Perrenoud (1999, p.04) a segunda “não-dito” é a “Sedução Negada” é aquela em que o docente seduz o aluno para que este tome gosto pelo saber, para que sinta prazer em aprender, mas para que isso ocorra, este profissional



precisa primeiramente sentir prazer no que faz, pois “seduzir não é necessariamente se fazer amar e, logo, fazer amar aquilo que se ama. É, no mínimo, favorecer uma transferência, fazer amar os conteúdos”.

Os docentes não ficam à vontade quanto ao terceiro item que é o “poder vergonhoso” que supostamente lhes é designado, pois Perrenoud (1999, p.05) diz que “o único poder do qual se fala com segurança é aquele que pode ser denunciado porque estamos submetidos a ele”. O docente assume o risco de uma situação de poder que pode não dar certo, pois só acontecerá se esse profissional possuir uma identidade e um domínio acima da média. Porém a pedagogia moderna possui uma dosagem de negociação e desordem:

O poder vergonhoso. A sedução raramente é suficiente. Ela não opera sobre todos os alunos ou todos os grupos, ou não é suficientemente constante para garantir as condições adequadas de ensino e aprendizagem. Então, ser professor é também ameaçar e punir, exercer uma violência que, por ser simbólica, não é menos dolorosa que os castigos corporais. Ora, chamar a atenção, chamar a ordem, sancionar, ameaçar não é muito valorizado para um professor, não é a parte da sua profissão a que reivindica mais abertamente. Nenhum deles se sente realmente à vontade com o poder ; cada um bem que gostaria – diz ele – de não ter necessidade de recorrer a isso e nega, em todo o caso, com toda a veemência, que ele se possa servir disso com algum prazer. Globalmente, o poder não é bem visto no mundo do ensino. Agora, coloque a palavra em um projeto pedagógico: em geral, vai-se encontrar alguém para dizer que esta palavra o aborrece. O poder é uma coisa ruim, uma coisa vergonhosa, um tabu absoluto em certos grupos, um fenômeno eufemístico na maioria das vezes (PERRENOUD, 1999, p.05).

De acordo com Perrenoud (1999, p.06) o quarto “não-dito” é a “Avaliação Toda Poderosa” apesar de ser um elemento de poder nas mãos dos docentes, não é tão confortável para estes, pois classifica, de maneira injusta os alunos, ocorrendo o fracasso de alguns deles e tomando um tempo pessoal da carga horária deste profissional, que fica escondida, pois dificilmente esta é mencionada, e que por algumas vezes causa um grande desconforto emocional, como menciona Ranjard (1984):

Eles defendem um prazer. Um prazer de má qualidade, mas seguro, garantido, cotidiano. Um prazer que deve ser disfarçado para ser vivido sem culpabilidade. [...] Esse prazer, é o prazer do Poder com P maiúsculo. O professor é o senhor absoluto de suas notas. Ninguém no mundo, nem seu diretor, nem seu inspetor, nem mesmo seu ministro, não pode fazer nada sobre as notas que ele deu. Porque foi no âmago de sua consciência que ele as atribuiu. Com seu diploma, lhe foi reconhecida a competência de dar nota (ao que não falta um pouco de pimenta!). Sua consciência profissional é inatacável. Na sua função de



avaliador, ele é todo o poderoso. E este domínio, é o poder sobre os alunos. (RANJARD, 1984, p.94).

O “Dilema da Ordem” é o quinto “não-dito” segundo Perrenoud (1999, p.07), explicitando que é impossível o docente se preparar minuciosamente para tudo o que ocorre na sala de aula, quanto a transmissão da aprendizagem este consegue ter um limite de controle, mas quanto as relações intersubjetivas e atividades de grupo, fica difícil ter um controle de tudo:

A alternativa, evidentemente, é deixar que as coisas aconteçam e enfrentar os acontecimentos da melhor forma possível, sabendo, nesse caso, que seremos regularmente levados a ficar de lado não por incompetência, mas porque é difícil entender e decidir constantemente de forma positiva diante do imprevisto (PERRENOUD, 1999, p. 07).

Para o autor o sexto “não-dito” é o “Amadorismo Ineficaz” onde acredita que o docente não dá conta de responder todos os dilemas de sua profissão de uma só vez, e assim se expõem a críticas de quem acredita que ter dúvida é ser incompetente (PERRENOUD, 1999, p.08).

Para Perrenoud (1999, p.09) o sétimo “não-dito” é a “Solidão Ambígua” do docente, que apesar de fazer parte de um trabalho de equipe e de cooperação profissional, experimentam da solidão, pois se escondem o confronto com os demais, sofrendo influência destes em sua identidade, seus valores, levando-os a mudarem suas práticas, influenciadas também pela instituição e pela sociedade.

O oitavo “não-dito” é o “Aborrecimento e a Rotina.” Nos primeiros anos não há muito tempo para aborrecimentos e rotina, pois o docente está envolvido demais em desenvolver suas atividades de classe, mas após alguns anos de atuação acabando se cansando e chega o momento de indisposições e cansaço, começam os aborrecimentos e a rotina derivada da organização do trabalho, “numa classe, se o professor abrir os olhos, os desafios não faltam. Também é necessário revelá-los, que valha a pena. Ora, a estrutura-programas, horários, cursos segmentados, recortes disciplinares – leva antes a não provocar senão os problemas passíveis da educação” (PERRENOUD, 1999, p.10). A estrutura da profissão docente obriga este profissional a se envolver de tudo um pouco,



ocupando-o de tal maneira que não tem como ele se interessar de maneira séria e por grande período por ninguém em particular.

“A Inconfessável Distância é a nona não-dito” segundo Perrenoud (1999, p.11):

Nós vivemos uma fase de crescimento da distância: uma parte das aquisições das ciências sociais e humanas são recentes e não foram integradas na bagagem dos professores em exercício, seja porque não estavam estabelecidas no momento de sua formação inicial, há dez anos, vinte ou trinta anos, seja porque esses aportes foram por longo tempo ignorados (ou seja, o são ainda!) pelos programas de formação inicial.

De acordo com o autor cada dia mais aumenta a distância entre o que o docente saber fazer e o que realmente ele pode fazer em sala de aula. Quanto mais se desenvolve a cultura em relação ao ensino e aprendizagem, mais os docentes tem que se atualizarem, caso contrário ficarão condenados a atuarem sabendo de sua ignorância.

O décimo e último “não-dito” é a “Liberdade sem Responsabilidade” onde o docente busca proteger sua liberdade sem se expor. “Fica difícil dar uma imagem nítida do tempo de trabalho dos professores fora das suas horas de classe”, “os professores não se empenham em se tornar visíveis porque, no estado presente da profissionalização da sua profissão, eles são tentados a jogar dos dois lados, de proteger sua liberdade sem se expor, em contrapartida, a uma verdadeira avaliação” (PERRENOUD, 1999, p.12-13).

Todos os dez “não-ditos” de uma maneira ou de outra propicia situações de risco ocupacionais aos docentes, pois eles ocultam decepções, fracassos e ignoram alguns componentes na imagem pública e interna deste profissional, nas palavras de Perrenoud (1999, p.13) “Por que não se teria o professor o direito de ter medo? De desfrutar de uma forma de poder? De hesitar? De ser ambivalente quanto às responsabilidades que se assume? A profissão docente parece-me vítima de uma exigência excessiva de domínio, de racionalidade, de respeitabilidade”.

É necessário que os docentes estejam alerta aos riscos ocupacionais a que estão expostos ao longo dos anos de sua atuação, já que em sua maioria estes envolvem questões emocionais ligadas ao stress, desgastes físicos, depressão



entre outras doenças com cunho psicossomáticas, isso não exclui os riscos físicos.

Segundo Vasconcelos (1997, p.20) desde 1983, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), classifica a docência como a segunda profissão que mais adoece em termos ocupacionais, desde uma simples reação alérgica chegando até a esquizofrenia.

Arantes (2008, p.91) vem reforçar essa posição dizendo que “Alguns trabalhadores estão mais expostos a riscos de doenças em razão do trabalho. Assim ocorre com os bancários, com os professores e empregados no setor da educação. São categorias consideradas, hoje, dentre as que mais expõem ao risco de doença ocupacional, em razão do trabalho que executam”.

Os meios de comunicação expõem todos os dias à violência causada aos docentes em todo o Brasil, que muitas vezes é tratada com indiferença pela sociedade e pelos pais, como aponta uma pesquisa realizada com 100 docentes e diretores do segundo ciclo do ensino médio e fundamental em 34 países, divulgada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em 2014, apontando nosso país o Brasil com o maior número de casos de violência contra o docente.

Essa pesquisa mostrou que 12,5% dos docentes do Brasil que foram entrevistados declararam ser ameaçados de forma verbal ou por intimidações pelos alunos, pelo menos uma vez por semana, se tornando o campeão de violência contra os professores entre os demais países que aparecem com uma média de 3,4%.

Outra pesquisa realizada pelo “Fique Sabendo” baseando-se em dados confidenciais da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo realizou registros de 295 casos de violência contra os docentes de Janeiro de 2014 a Abril de 2015, perfazendo uma média de 39 horas por cada ocorrência.

Nos últimos tempos, a mídia tem publicado frequentemente matérias de agressões contra professores tanto no Brasil como em outros países, como evidencia uma reportagem do Universo On Line em Porto Alegre (2015), na cidade de Parobé, no Rio Grande do Sul.

As notícias de agressão contra os docentes estão cada vez mais em evidência colocando estes em situações de riscos físicos e psíquico e, estão por



toda a parte, nos jornais, no rádio, nas revistas, online, nos livros, na televisão etc...

Em algumas escolas vem se tornando cada vez mais difícil de atuar como docente, pois se torna cada dia mais raro acatar ordem e regras estabelecidas pelas escolas, e o respeito pelo docente não é mais o mesmo, muitas vezes se tornando habitual presenciar um docente ser agredido e humilhado dentro da entidade em que atua.

Elias (2011, p.28) nos diz que “A violência não é um fenômeno isolado. Sua correção deve ser feita pelos fatores de risco e pelas causas, que se apresentam entrelaçadas e devem ser enfrentadas em sua constelação”. A autora chama atenção para a prevenção à violência escolar, e quem se propõem a se envolver com esta acabam diante dos mais diversos tipos de situações dependentes ou relacionados a esse tema, levando em consideração que a correção deste deve ocorrer pelas causas e pelos fatores de risco, e como estes estão ligados de forma complexa, devem ser analisados e enfrentados como uma constelação, isto é, em grupo. E ainda acrescenta:

Como a violência engloba muitos fenômenos diferentes, há diversas teorias a seu respeito. Talvez seja impossível harmonizá-las, reduzindo-as a um conceito geral, porque frequentemente os autores partem de perspectivas e enfoques diversos e até contraditórios. Uma teoria que, no entanto se deve ressaltar, é a de Johan Galtung, pesquisador e militante da paz. Ele definiu violência como aquilo que causa feridas. É uma visão muito útil, como ponto de vista inicial para uma análise mais aprofundada do tema, pela perspectiva de seus reflexos na escola. A definição fala do que a violência faz, da sua natureza. Ela produz feridas. As vítimas, os alunos e professores, são feridos de diversas formas: física, psíquica, moral ou emocionalmente, ou em suas posses, seus projetos, suas capacidades, seus direitos, sua dignidade (ELIAS, 2011, p. 24).

Para a autora entender violência como causadora de feridas, deixa espaço para a prevenção e cura desta no âmbito escolar através de projetos educacionais envolvendo todos os sujeitos da escola, e tendo ações preventivas de redução da violência, iniciando desde o cuidado para com as vítimas, até as feridas as quais alunos e professores estão expostos como as agressões, os preconceitos, os maus-tratos, o excesso de trabalho, os baixos salários, o burnout e o estresse dentre outros.

Mas, nem sempre isso se concretiza, pois é difícil superar o medo e cicatrizar as feridas, apesar de todos os envolvidos e expostos a situações de riscos



na escola passarem por essas situações, precisarem de atenção especial para pelo menos amenizar essas feridas, coisa que infelizmente nem sempre acontece. Apesar da dificuldade para se superar as situações de risco e melhorar a educação a autora chama atenção para ações preventivas que podem ser trabalhadas pelos docentes.

Elias (2011, p. 66-67), chama atenção para os “Fatos e sentimentos” como ações preventivas dos docentes, dizendo que é necessária a análise dos fatos ocorridos nas situações de riscos destes, levando em conta o diálogo e o sigilo tanto das vítimas, quanto dos agressores e seus familiares e acima de tudo escutar os relatos dando credibilidade a estes, sem ignorar nenhuma das queixas expostas. Agindo assim de forma preventiva com todos os envolvidos para que se possa se amenizar as agressões no âmbito escolar.

Assumir uma atitude de prevenção de riscos ocupacionais na educação e da violência ocorrida neste âmbito é tarefa difícil, mas a autora defende que é possível, e para que isso ocorra se faz necessária uma forte mudança de práticas e mudanças educativas, não somente na escola, mas em todo o ambiente que envolve esta e suas concepções, como toda a sociedade, tendo também a participação ativa da família.

Portanto se faz necessário um projeto de prevenção da violência, levando em consideração o lado do agressor em si e o lado da solução do problema, buscando uma educação voltada para uma convivência de paz, como aborda Elias (2011, p.70-71). A autora ainda acrescenta que para que o esse projeto de prevenção à violência tenha sucesso se faz necessário um envolvimento de todos os segmentos da educação e todos os envolvidos nela, como docentes, alunos, representantes da comunidade e familiares, bem como levar em consideração a realidade concreta de cada escola, sua localidade e os vários caminhos e temas que podem ser percorridos para a solução do problema. Um dos temas a considerar é um “Programa permanente de formação” levando em conta o lado do problema além das agressões em si, a droga lícita e ilícitas, o preconceito, as questões de gênero, a sexualidade e o racismo dentre outros, e o lado da solução, como uma educação em valores, os direitos humanos inclusive o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), a mediação e resolução de conflitos, possibilitando assim uma convivência harmoniosa entre todos os envolvidos, e tendo



uma educação de paz, se não superando as situações de risco dos docentes, pelo menos amenizando estas.

O “Programa permanente de formação” segundo Elias (2011, p.73) inclui mais ações de “sensibilização e divulgação” com “campanhas, eventos e exposição na mídia” para que toda a sociedade fique ciente do que ocorre no âmbito escolar quanto à violência, conscientizando a população, para que esta ofereça apoio e ajude a possibilitar mudança de uma realidade de violência na escola, para uma realidade de paz e harmonia. Existem ainda as ações que podem partir dos governantes como o zelo e o cuidado pelo patrimônio físico da escola, seus recursos e equipamentos; a valorização da docência, inclusive financeira; fornecimento de uma orientação da política educacional e dos projetos; garantir recursos, assessoria, estrutura e formação de projetos preventivos construídos nas escolas.

Outra ação neste trabalho de prevenção à violência escolar são as atividades culturais, pois elas ajudam na integração, no diálogo e na convivência harmoniosa com todos, como por exemplo, o teatro, a dança, a música, o esporte, as festas, as exposições etc. São momentos de diversão, alegria e entrosamento, gerando oportunidades de reflexões, de bem-estar e esperanças, promovendo momentos e oportunidades de diálogos na superação dos riscos ocupacionais existentes, como salienta Elias (2011, p. 74-75).

É muito importante que a escola esteja informada e atualizada do que acontece na sociedade, fora de seus muros, pois isto influencia diretamente nos fatores de risco em que a violência produz. Portanto deve-se investir em parcerias, denominadas por Elias (2011, p.76) de “rede”. Essas redes podem ser estabelecidas com as famílias, os advogados, a Vara da Infância e Juventude, o Conselho Tutelar, os policiais, os promotores de políticas públicas e representantes de comunidades dentre outros possíveis integrantes, tecendo assim uma grande rede, onde cada um coopera e atua de acordo com sua área, formando um grande plano construído por todos, o de “defesa da vida” e da “prevenção da violência”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho da escola em cenários de conflito tem que acompanhar a formação de temas de direitos, especialmente uma educação que promova o empoderamento individual e coletivo, especialmente de grupos sociais desfavorecidos ou discriminados.

Por isso, é necessário valorizar o exercício do professor de lembrar e lembrar como uma forma válida de fazer pedagogia e construir conhecimentos sociais. Trata-se de abordar o assunto a partir das histórias de vida dos sujeitos, construindo uma visão coletiva a partir de uma visão individual. É a possibilidade de trabalhar a experiência dos outros para entender como eles são configurados como sujeitos políticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Patrícia Santos. CARDOSO, Telma Abdalla de Oliveira. **Prazer e dor na Docência: revisão bibliográfica sobre a Síndrome de Burnout**. Saúde e Sociedade. V.21, n.1, 2012, p.129-140. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n1/13.pdf>>. Acesso em: 24 de Fev. 2016.

ARANTES, Delaíde Alves Miranda. **Doença Ocupacional e Estabilidade no Emprego. A Saúde dos trabalhadores na Educação**. In: Direitos Trabalhistas e previdenciários dos trabalhadores no ensino privado. São Paulo: Ltr, 2008.

AZEVEDO, Lucas. **Professora é agredida por aluna dentro da escola em Parobé, no RS**. Do Uol, Porto Alegre, 19 de Ago. 2015. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/08/19/professora-e-agredida-por-aluna-dentro-de-escola-em-parobe-no->

BRASIL: campeão mundial na violência contra professores. Set. 2014. Publicado por Luiz Flávio Gomes. Disponível: <http://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/136798228/brasil-campeao-mundial-na-violencia-contra-professores?ref=topic_feed>. Acesso em: 17 de mar. 2016.

ELIAS, Maria Auxiliadora. **Violência Escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema**. 1.Ed. São Paulo: Ática Educadores, 2011. 96p: il.. – (Educação em ação).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 1910-1089. **Minidicionário Século XXI Escolar. O minidicionário da língua portuguesa**. Coordenação e edição, Margarida dos Anjos; Marina Baird Ferreira, lexicografia, Margarida dos Anjos [et.al]. 4 ed. rev.ampliada. Nova Fronteira, 2001.



PERRENOUD, Philippe. **Os Dez Não-Ditos ou a Face Escondida da Profissão Docente**. In Espaço Pedagógico (Universidade de Passo Fundo, Brasil). v.6, n.2. Dez, 1999.

PORTO, M. F. de Souza. **Cadernos de Saúde do Trabalhador. Análise de riscos nos locais de trabalho: conhecer para transformar**. Jun. 2000. Disponível: <https://normasregulamentadoras.files.wordpress.com/2008/riscos_trabalho.pdf>. Acesso em: 24 de Fev. 2016

RANJARD, P. Les enseignants persécutés. Paris: Robert Jauze, 1984.

SERVILHA, Emilse Aparecida M. LEAL, Rayana de Oliveira. F. HIDAKA, Marlene. T. U. **Riscos ocupacionais na legislação trabalhista brasileira: destaque para aqueles relativos à saúde da voz do professor**. Revista da Sociedade de Fonoaudiologia, Vol.15 n.4, 2010.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Libertad, 1997.